



América Latina e intelectuais de esquerda: o governo da Unidade Popular na revista *Monthly Review*

Latin America and left intellectuals: the government of the Popular Unity in *Monthly Review*

Emmanuel dos Santos

Mestrando em História

Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

emmanuelufmg@gmail.com

RESUMO: Nas primeiras décadas de existência, a revista norte-americana *Monthly Review* direcionou um atento olhar para a América Latina, destinando considerável espaço para a publicação de artigos sobre a teoria da dependência, a Revolução Cubana, o governo da Unidade Popular. Neste artigo, discutiremos como a revista tratou os problemas socioeconômicos e políticos da América Latina, tendo como foco, em nossa reflexão, o estudo dos artigos veiculados por *Monthly Review* acerca do governo da Unidade Popular. Além disso, analisaremos como essas publicações sobre a América Latina na revista contribuíram para o surgimento de um espaço de sociabilidade intelectual que aproximou os editores da *Monthly Review* a um grupo de intelectuais brasileiros exilados no Chile.

PALAVRAS-CHAVE: Unidade Popular, intelectuais de esquerda, exílio.

ABSTRACT: In the first decades of its existence, *Monthly Review* pointed a closer look to Latin America becoming a place for publication of important articles on the theory of dependency, the Cuban Revolution and the Popular Unity government. In this article, we investigate how the periodic discussed the socio-economic and political problems of Latin America, focusing our analysis on the study of articles, debates and editorials about the Popular Unity government. Also, we analyze the space of intellectual sociability based on the magazine *Monthly Review* which enabled closer relations between the *Monthly Review* editors and a group of Brazilian intellectuals exiled in Chile.

KEYWORDS: Popular Unity, left intellectuals, exile.

Introdução

A revista norte-americana *Monthly Review* surgiu, em maio de 1949, pela iniciativa dos acadêmicos norte-americanos Paul Sweezy e Leo Huberman. O propósito foi criar uma revista independente, sem vinculações partidárias ou governamentais, para a análise dos principais temas de economia e política a partir de uma perspectiva socialista. Neste artigo, nosso interesse é analisar como o periódico tratou, nas primeiras décadas de sua circulação, os temas referentes à América Latina, privilegiando o estudo das publicações que versavam sobre a tentativa da



Unidade Popular (UP) de realizar o projeto da “via chilena para o socialismo”¹. Para tal, analisaremos as edições norte-americanas da revista entre 1970 e 1973. Discutiremos, ainda, como a revista constituiu-se em importante espaço para a publicação de influentes trabalhos de um grupo de intelectuais brasileiros exilados no Chile, dando origem a espaços de sociabilidade que aproximaram esses intelectuais do grupo de *Monthly Review*.

Teremos como perspectiva teórico-metodológica as concepções da chamada “nova história intelectual”. A partir de uma profunda crítica epistemológica à história das ideias tradicional, a história intelectual propõe valorizar, entre outros aspectos, o lugar da linguagem, as relações entre texto e contexto, as condições sócio-históricas das produções intelectuais, as formas, espaços e mecanismos de circulação e recepção das ideias.²

Para a análise da revista, o conceito de hegemonia tal como formulado por Antonio Gramsci é um referencial teórico que nos é caro. Segundo o autor, o Estado não se constitui somente como um aparato coercitivo pelo qual é imposto um regime de dominação social por meio do monopólio da violência e da força. O Estado em Gramsci é pensado também como um *locus* ampliado em que as classes dominantes fazem valer seus interesses por meio do convencimento e da persuasão, buscando conquistar o consentimento por parte dos dominados. Para isso, os organismos privados da sociedade civil são fundamentais, como os meios de comunicação, as instituições de ensino, as igrejas, os sindicatos.³ Nesse sentido, entendemos que periódicos como *Monthly Review* constituem-se como atores políticos que atuam nos embates hegemônicos e contra-hegemônicos na sociedade civil. Aspecto valorizado pelo alcance, no caso de *Monthly Review* e congêneres, permitido pela inserção que os editores da revista têm nos seus respectivos meios acadêmicos e ou culturais.

Ao ampliar os limites de Gramsci sobre a concepção de intelectual orgânico, Edward Said afirma que o intelectual tem um papel público na sociedade, portanto não “pode ser reduzido

¹ Por “via chilena para o socialismo” ficou conhecido o projeto político da Unidade Popular, coalização partidária formada principalmente pelos partidos Socialista e Comunista, que levou Salvador Allende à presidência do Chile, em 1970. Tinha como propósito chegar ao socialismo por meio de um programa baseado na nacionalização e estatização de grandes empresas, reestruturação dos espaços democráticos e a ampliação da participação popular, tendo como fundamento o respeito à institucionalidade vigente, ou seja, sem fazer uso da luta armada nem ter como objetivo a destruição “revolucionária” do Estado. Para os principais temas e debates sobre a “via chilena para o socialismo” consultar: PINTO VALLEJOS, Julio (org.). **Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular**. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

² EZCURRA, Mara Polgovsky. **La historia intelectual latinoamericana en la era del “giro lingüístico”**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Cuestiones del tiempo presente, 2010. Disponível em: <https://nuevomundo.revues.org/60207> Acesso em: 12 jun. 2016.

³ GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.



simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses”⁴. Para Said, é dever do intelectual causar embaraço, desagradar posições estabelecidas. Os intelectuais devem ser figuras representativas, transgredindo todo tipo de barreiras para representar certos pontos de vista e articular representações a um público:

E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete.⁵

Uma das polêmicas que abordaremos, na qual Paul Sweezy discute a função do intelectual de esquerda diante da política levada a cabo por governos socialistas, insere-se nas reflexões sobre liberdade e autonomia intelectual face às instituições estatais e corporações. Embora Sweezy, assim como os outros editores da revista, não deixe de ser orientado por certas concepções dogmáticas, todavia mantém a preocupação de existir, em *Monthly Review*, uma postura recorrentemente crítica às ortodoxias do chamado socialismo real, tendo como objetivo expresso fazer do periódico um espaço criativo, original e crítico.

América Latina em *Monthly Review* e intelectuais brasileiros exilados no Chile

Monthly Review, a partir dos anos 60, exerceu relevante influência na esquerda nova-iorquina, ao ter papel de destaque nos animados debates sobre a Revolução Cubana realizados pela intelectualidade de esquerda em *Manhattan*⁶. Nesse período, a revista constituiu-se em uma das principais e mais prestigiadas publicações de intelectuais de esquerda nos EUA, circulando em várias regiões do mundo e originando versões publicadas em diversos idiomas. No início dos anos 1970, tinha uma circulação mensal de 12 mil exemplares.⁷ Os editores da revista, Paul Sweezy e Leo Huberman deram origem em 1951 à *Monthly Review Press*, editora que passou a publicar panfletos e livros.

Paul Sweezy, até sua morte em 2004, foi o principal editor da revista. Formou-se em economia em Harvard, onde foi aluno dos economistas Joseph Schumpeter e Francis Matthesen.

⁴ SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências de Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25.

⁵ SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências de Reith de 1993, p. 26.

⁶ ROJAS, Rafael. Fighting over Fidel: **The New York Intellectuals and the Cuban Revolution**. Princeton: Princeton University Press, 2016, p. 136.

⁷ Notes from the Editors. *Monthly Review*, Nova York, vol. 24, n. 7, dez. 1972.



Do primeiro, de acordo com o historiador cubano, exilado no México, Ricardo Rojas, herdou a disciplina analítica e, do segundo, a vocação de esquerda. Um aspecto interessante da trajetória de Sweezy é sua origem social. Nasceu em 1910, em uma família de banqueiros, porém desde muito jovem inclinou-se por uma perspectiva crítica da economia moderna, pelo estudo das transformações do capitalismo industrial e das alternativas políticas heterodoxas, que circulavam na esquerda norte-americana e europeia, em meados da década de 30.⁸ Em 1938, tornou-se professor em Harvard, nos anos seguintes escreveu importantes obras sobre economia, dentre as quais a mais conhecida é *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, publicada em 1942.

Leo Huberman, cofundador e coeditor da revista, se autoproclamava “marxista humanista”. Formado em economia pela *New York University*, sua obra mais conhecida é *A história da riqueza do homem* (1936), tratado marxista sobre história econômica. Segundo o obituário publicado no jornal *The New York Times*, Huberman viajou nos anos 60 a Cuba três vezes em companhia de Paul Sweezy e tinha uma relação bastante próxima a Fidel Castro e Che Guevara. Morreu em 1968, em um hotel de Paris, cidade onde estava para tratar da criação da edição francesa de *Monthly Review*, projeto que nunca viria a se concretizar.⁹

Além da matriz norte-americana, *Monthly Review* foi editada em espanhol, italiano, grego e alemão, edições que mesclavam uma seleção de textos traduzidos da revista publicada nos EUA com artigos escritos no idioma local. A partir de 1963, em *Buenos Aires*, iniciou-se a publicação da revista em espanhol intitulada *Monthly Review: Selecciones en Castellano*, com uma tiragem inicial de 8 mil exemplares mensais. Após o golpe militar na Argentina, em 1966, a revista foi transferida para Santiago do Chile, onde voltou a ser publicada no ano seguinte.

Em *Monthly Review*, foram publicados artigos, resenhas e em suas páginas prestigiados intelectuais de várias partes do mundo participaram de acirradas polêmicas, entre eles Jean-Paul Sartre, Paul Baran, Eric Hobsbawm, Eduardo Galeano, Perry Anderson, Noam Chomsky, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos, Régis Debray, James Petras, Isaac Deutscher, Andre Gunder Frank, Charles Bettelheim, Edward Said.

Segundo Ricardo Rojas, *Monthly Review* manteve, nas primeiras décadas da Guerra Fria, uma linha editorial crítica às “democracias populares”, todavia sem se identificar com as posições de um “socialismo liberal e democrático” presentes entre intelectuais nova-iorquinos como Irving Howe, Lionel Trilling e nos grupos das revistas *Partisan Review* e *Dissent*. A crescente importância

⁸ ROJAS, Rafael.. Fighting over Fidel: **The New York Intellectuals and the Cuban Revolution**.

⁹ Leo Huberman, 65, publisher, dead. *New York Times*, Nova York, 10 de nov. 1968, p. 88.



que Sweezy deu aos problemas dos países ditos subdesenvolvidos, durante os anos 50, abriu espaço para a rápida inserção, na revista, dos debates sobre a Revolução Cubana e o socialismo na América Latina.¹⁰ Com efeito, a partir dos anos 60, os textos sobre a Revolução Cubana e os artigos teóricos sobre a teoria da dependência tiveram destaque na revista e exerceram considerável influência sobre os editores de *Monthly Review*. Isso pode ser percebido nos textos publicado pela revista sobre a UP e que serão analisados neste artigo.¹¹ A seguir, discutiremos como a revista dedicou um espaço importante para a circulação das ideias de um grupo de intelectuais brasileiros exilados no Chile e de como estabeleceram com o grupo de *Monthly Review* uma profícua relação, dando origem a um espaço de sociabilidade intelectual.

No fim dos anos 60, no governo do democrata-cristão Eduardo Frei Montalva, o Chile começou a receber um grande número de perseguidos políticos pela ditadura militar brasileira, acolhida que se intensificaria durante o governo da UP.¹² Esse foi o caso da socióloga brasileira Vânia Bambirra, que saiu da clandestinidade em São Paulo, perseguida por sua militância política, exilando-se no Chile em 1966, país em que ela afirma ter adquirido “a dimensão da América-Latina”¹³. Bambirra, com o pseudônimo de Cléa Silva, nos debates sobre a Revolução Cubana em *Monthly Review*, escreveu o artigo *Os erros da teoria foquista*¹⁴, no qual criticava duramente a estratégia do foco guerrilheiro de Regis Debray. Quando escreveu o texto, Bambirra exercia a função de professora no Centro de Estudos Socioeconômicos (CESO), instituto da Faculdade de Economia da Universidade do Chile.

O artigo de Bambirra foi primeiramente publicado em espanhol na *Monthly Review*, *Selecciones en Castellano*, no final de 1967; no ano seguinte, na edição norte-americana de *Monthly Review*, no volume especial sobre Regis Debray e a Revolução Latino-Americana¹⁵. O artigo teve considerável repercussão internacional, sendo objetos de inúmeras polêmicas posteriores, tanto

¹⁰ ROJAS, Rafael. Fighting over Fidel: **The New York Intellectuals and the Cuban Revolution**, p. 140.

¹¹ Neste artigo, não teremos como centralidade a forma pela qual *Monthly Review* tratou a Revolução Cubana durante a década de 1960, nem a análise do grande número de artigos escritos sobre o tema. Para essa questão, e de como a revista influenciou as esquerdas nova-iorquinas no período, consultar: ROJAS, Rafael. **Socialistas en Manhattan**. La Revolución Cubana en Monthly Review. Prismas – Revista de Historia Intelectual, Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, vol. 17, n. 1, jun. 2013.

¹² Sobre isso consultar: MARQUES, Teresa C. M. **Militância política e solidariedades transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Porto Alegre: UFRGS, 2011.

¹³ BAMBIRRA, Vania. Memorial. p.28. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1991. Disponível em <https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/wp-content/uploads/2016/01/memorial-abril-1991.pdf> Acesso em 12 jun. 2016.

¹⁴ SILVA, Clea [Vânia Bambirra]. Los errores de la teoría del foco. **Monthly Review**: Selecciones en Castellano, Santiago do Chile, n. 45, dez. 1967.

¹⁵ _____ **The errors of foco theory**. Monthly Review, Nova York, vol. 20, n. 3, ago. 1968.



em *Monthly Review* como em outras publicações. Sobre os motivos de não ter assinado o artigo com seu nome real, além de descrever sua relação com o grupo de *Monthly Review*, nos revela Bambilra:

Foi no CESO que escrevi meu primeiro artigo de repercussão internacional, *Los errores de la Teoría del Foco*. [...] Não assinei esse artigo por possuir uma grande esperança de voltar em breve para o Brasil. Escolhi o pseudônimo Cléa Silva, o mesmo que usava na clandestinidade paulista. [...] Através do artigo, tive a oportunidade de conhecer a P. Sweezy e Harry Magdoff. Sweezy, particularmente, gostou muito do mesmo e quando fomos aos EUA em 1969, fez questão de nos conhecer pessoalmente. Levou-nos a visitar a editora e organizou um jantar para mim e meu companheiro, ao qual convidou a alguns intelectuais norte-americanos. Esse contato com a equipe de trabalho de *Monthly Review*, da qual fazia parte Harry Braveman, foi especialmente importante para mim porque sempre havia sido uma leitora assídua da revista.¹⁶

Nos anos seguintes, Bambilra organizou, no CESO, um grupo de pesquisas sobre estudos latino-americanos, focado na análise do desenvolvimento capitalista na região, trabalho que deu origem ao livro *El capitalismo dependiente latinoamericano* publicado em Santiago em 1972 e depois em vários outros países. Segundo a autora, foi sua obra de maior alcance internacional, relatando o momento em que conheceu Jaime Wheelock, um dos comandantes da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), que revelou à Bambilra ter lido o livro, anos antes da Revolução Nicaraguense, durante uma viagem clandestina que ele fizera da Costa Rica a Manágua.¹⁷

Já no governo da UP, em 1972, Bambilra dedicou-se a estudar a Revolução Cubana, organizando, para isso, um grupo de pesquisas no CESO com a participação de três intelectuais cubanos: o sociólogo Germán Sánchez Otero¹⁸ e o filósofo José Bell Lara¹⁹ – que haviam sido fundadores da revista cubana *Pensamiento Crítico*; e a historiadora Mercedes Díaz de Arce.²⁰ Tal esforço, depois de um ano de intensas discussões e polêmicas, deu origem ao livro de Bambilra *Revolución Cubana: una reinterpretación*, editado no México em 1974, no qual é feita uma série de críticas aos caminhos escolhidos pelos dirigentes do Estado cubano. Segundo a autora, Paul Sweezy inicialmente demonstrou grande interesse em publicar o livro pela *Monthly Review Press*. Todavia, depois do envio do original e uma longa espera, Bambilra resolveu contatar a editora,

¹⁶ BAMBIRRA, Vania. **Memorial**. p.28

¹⁷ _____. **Memorial**. p. 34.

¹⁸ Germán Sánchez Otero (Havana, 1945) foi professor de Filosofia na Universidade de Havana antes de mudar-se para o Chile, onde atuou como professor visitante no CESO. Regressou a Cuba após o golpe de Pinochet. Foi embaixador cubano na Venezuela entre 1994 e 2009.

¹⁹ José Bell Lara (Guantánamo, 1939) doutor em filosofia pela Universidade de Havana, foi professor visitante na Universidade Católica do Chile e na Universidade do Chile durante o governo da UP.

²⁰ Mercedes Díaz de Arce lecionou no CESO até o golpe militar no Chile, quando retornou a Cuba, país no qual se tornou professora auxiliar da Faculdade de Economia Política Universidade de Havana. Escreveu diversas obras de história e análise econômica.



sendo então informada que *Monthly Review Press* passava por dificuldades financeiras, razão pela qual estariam limitando a publicação de livros estrangeiros. Além disso, disseram-lhe que o tema da Revolução Cubana, naquela altura, meados dos anos 1970, não despertaria mais tanto interesse no público norte-americano. Bambirra, porém, revela certas desconfianças sobre o assunto, sugerindo que, possivelmente, o conteúdo crítico do livro, bastante divergente das posições editoriais de Sweezy e do grupo de *Monthly Review*, poderia ter sido o fator decisivo para que a obra não fosse publicada pela editora norte-americana.²¹

Outro intelectual brasileiro exilado no Chile, o economista Theotonio dos Santos, expoente da teoria da dependência, também professor do CESO, recorda que, além do espaço na revista para publicação de artigos, no período em que esteve nos EUA, os editores de *Monthly Review* empenharam-se em conseguir financiamento para suas pesquisas e abrir espaço para ele no meio acadêmico norte-americano:

De volta ao Chile, no segundo semestre de 1969, levei comigo grande parte do material arrecadado nos EUA, auxiliado por uma pequena bolsa da Rabinovitz Foundation que Paul Sweezy e Harry Magdoff me conseguiram. Sweezy tinha me convidado a apresentar *paper* sobre a dependência econômica na Comissão sobre Economia Política do Imperialismo que ele organizou no Congresso Norte-Americano de Economia.²²

Conforme apontou Dos Santos, em suas memórias, o CESO criou uma linha de pesquisa, dirigida pela filósofa chilena Cristina Hurtado, com foco nas análises dos problemas da transição ao socialismo, estabelecendo-se estreito contato com a obra de Charles Betelheim, na França; Paul Sweezy, nos EUA; Ernest Mandel, na Bélgica e o grupo de *Il Manifesto*²³, na Itália²⁴. Entretanto, tal linha de pesquisa sofria a influência, segundo Theotonio Dos Santos em suas memórias, da revolução cultural chinesa, motivo pelo qual o brasileiro acabou por se distanciar desse grupo de pesquisa, atitude que contribuiu, também, para que se afastasse, a partir de 1972, do grupo de Sweezy e *Monthly Review*.²⁵

O sociólogo brasileiro Ruy Mauro Marini também esteve exilado no Chile durante o governo da UP. Em 1964, logo após o golpe militar no Brasil, Marini havia se refugiado no

²¹ BAMBIRRA, Vania. **Memorial**. p. 42.

²² DOS SANTOS, Theotonio. **Memorial**. Niterói: UFF, 1994, p. 33.

²³ Grupo surgido em fins dos anos 60, a partir da ruptura de intelectuais e militantes do Partido Comunista Italiano críticos ao socialismo soviético. Editava um diário de mesmo nome na Itália. Entre seus fundadores estava Rossana Rossanda, intelectual marxista, ex-deputada da Câmara italiana, que relatou suas experiências no Chile de Allende no artigo intitulado "*Chili, and P*", publicado na revista dirigida por Jean-Paul Sartre **Les Temps Modernes**, na edição n. 306, de janeiro de 1972.

²⁴ DOS SANTOS, Theotonio. **Memorial**, p. 38.

²⁵ _____. **Memorial**, p.40.



México, país em que se tornou prestigiado pesquisador e professor da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Após perseguições políticas durante o regime do presidente mexicano Gustavo Dias Ordaz, Marini seguiu para o exílio chileno em 1969.²⁶

Uma característica comum das trajetórias desses intelectuais brasileiros do CESO é que suas obras se tornaram mais conhecidas nos países em que estiveram exilados do que propriamente no Brasil. No Chile, Marini tornou-se professor na Universidade de Concepción e, posteriormente, no final de 1970, ao aceitar convite do CESO, mudou-se para Santiago, efetivando-se como professor da Universidade do Chile. Na avaliação de Marini, o CESO²⁷ foi um importante espaço de sociabilidade para a intelectualidade de esquerda latino-americana da época, conforme aponta em suas memórias:

O CESO foi, em seu momento, um dos principais centros intelectuais da América Latina. A maioria da intelectualidade latino-americana, europeia e norte-americana, principalmente de esquerda, passou por ali, dele participando mediante palestras, conferências, mesas-redondas e seminários. [...] O momento político que vivia o país, o qual tornara Santiago centro mundial de atenção e de romaria de intelectuais e políticos, fez o resto, além de incentivar o desenvolvimento de outros órgãos acadêmicos.²⁸

Em 1973, como conta Marini, Paul Sweezy esteve no Chile para um Simpósio sobre transição ao socialismo organizado pelo Centro de Estudos da Realidade Nacional (CEREN), instituto da Universidade Católica do Chile, em colaboração com o CESO²⁹. Além do norte-americano, participaram intelectuais de esquerda de vários países, como Rossana Rossanda (do grupo *Il Manifesto*), Lelio Basso, Michel Gutelman além de acadêmicos locais.³⁰

Na década de 60, surgiram várias críticas ao modelo econômico baseado no desenvolvimentismo proposto pela CEPAL para a América Latina. Nesse sentido, autores como o economista e sociólogo alemão André Gunder Frank, o historiador e sociólogo chileno Enzo Falletto, os sociólogos brasileiros Fernando Henrique Cardoso e Ruy Mauro Marini; e os economistas brasileiros Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra propuseram novos caminhos para analisar o capitalismo no continente, dando forma à chamada teoria da dependência. Essas

²⁶ WASSERMANN, Claudia. **Transição ao socialismo e transição democrática: exilados brasileiros no Chile.** História Unisinos, v. 16, n. 1, 2012.

²⁷ Neste artigo, interessa-nos analisar as relações e a importância de *Monthly Review* para a circulação de ideias dos intelectuais de esquerda exilados no Chile. Para um estudo do grupo de intelectuais organizados em torno do CESO e das reflexões sobre o exílio no Chile feitas por Vânia Bambirra, Ruy Mauro Marini e Theotonio Dos Santos consultar o artigo citado de Claudia Wassermann (2012).

²⁸ MARINI, Ruy Mauro. **Memória**, 1991, p. 18.

²⁹ _____. **Memória**, 1991.

³⁰ AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo: a experiência chilena.** São Paulo: Annablume, 2002, p. 51.



críticas, com diferentes matizes e tradições teóricas, aproximavam-se em pelo menos dois aspectos: a dependência das economias latino-americanas como obstáculo ao desenvolvimento nacional e a estrutura do capitalismo mundial favorecendo a continuidade dessa dependência.³¹

Sobre a origem e desenvolvimento da teoria da dependência, Ruy Mauro Marini foi enfático ao declarar a importância do contato de Andre Gunder Frank³² com o grupo de *Monthly Review*, especialmente, com Paul Baran³³, Paul Sweezy e Leo Huberman para que lançasse o livro *Capitalism and Underdevelopment in America Latina* (1967), considerado pelo sociólogo brasileiro “um marco no que viria a chamar-se de teoria da dependência”³⁴. Para Marini, a teoria da dependência independentemente do juízo que se faça sobre ela, teve um traço peculiar ao representar uma contribuição que alentou o estudo da América Latina pelos próprios latino-americanos e sua capacidade de:

Invertendo por primeira vez o sentido das relações entre a região e os grandes centros capitalistas, fazer com que, ao invés de receptor, o pensamento latino-americano passasse a influir sobre correntes progressistas na Europa e nos Estados Unidos; basta citar, nesse sentido, autores como Amin, Sweezy, Wallenstein, Poulantzas, Arrighi, Magdoff, Touraine.³⁵

Em *Monthly Review*, foram publicados dois artigos de Marini sobre a teoria da dependência, com foco na análise do papel do Brasil na economia latino-americana e sua integração nas relações imperialistas.³⁶ Além desses, diversos outros artigos do sociólogo brasileiro tiveram publicação na *Monthly Review*, *Selecciones en Castellano*³⁷. Nesses artigos, Marini esboça os principais aspectos de sua contribuição original à teoria da dependência, sistematizada

³¹ Para uma ampla bibliografia sobre a teoria da dependência consultar: DOS SANTOS, Theotonio. **Por uma bibliografia sobre a teoria da dependência**. Estudos Avançados., São Paulo, v. 12, n. 33, p. 137-146, ago. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000200010&lng=en&nrm=iso Acesso em 08 dez. 2016.

³² Andre Gunder Frank (Berlim, 1947), doutor em economia pela Universidade de Chicago, foi professor visitante em universidades do Canadá, Bélgica, México, Chile e Brasil (onde esteve no início de 1964, a convite de Darcy Ribeiro). Durante o governo da UP foi professor do CESO. Em sua carreira acadêmica, publicou mais de 40 livros, grande parte dedicada aos estudos latino-americanos.

³³ “Paul Baran (1910-1964), economista marxista, para muitos foi o precursor dos estudos sobre teoria da dependência”. Cf. COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013, p. 60.

³⁴ MARINI, Ruy Mauro. **Memoria**, 1991. Disponível em http://www.marini-escritos.unam.mx/001_memoria_marini_port.html Acesso em: 17 jun. 2016.

³⁵ _____, **Memoria**, 1991.

³⁶ Os artigos são: MARINI, Ruy Mauro. Brazilian "Interdependence" and Imperialist Integration. **Monthly Review**, Nova York, vol. 17, n. 7, dez. 1965; MARINI, Ruy Mauro. Brazilian Subimperialism. **Monthly Review**, Nova York, vol. 23, n. 9, fev. 1972;

³⁷ Um dos artigos de maior repercussão foi: MARINI, Ruy Mauro. **Subdesarrollo y revolución en América Latina**. Monthly Review, Selecciones em Castellano, Santiago, 1969.



depois na sua obra *Dialéctica de la Dependencia* (1973)³⁸. Em sua perspectiva marxista, Marini aponta como certas particularidades do capitalismo na América Latina contribuíam para que as economias dos países latino-americanos se desenvolvessem de forma distinta às dos países centrais. A economia latino-americana inseria-se nas relações de subordinação e dependência entre os países periféricos e as nações centrais do mundo. Entretanto, no próprio continente latino-americano, ocorreriam relações análogas de dependência entre os países a partir de seus distintos graus de desenvolvimento econômico, dando origem à noção de subimperialismo. Além disso, como característica essencial desse capitalismo dependente, Marini indica a necessidade de uma superexploração do trabalho como forma de permitir o acúmulo de valores produzidos nos países periféricos e sua transferência para os países centrais.³⁹

Ao ser questionado sobre uma utopia latino-americana distanciada da herança intelectual europeia, o sociólogo argentino Carlos Altamirano citou, como exemplo, a teoria da dependência. Altamirano afirmou que ela é parte de “um progressivo e doloroso processo de autoconhecimento” pela qual se “radicalizaram as elites intelectuais latino-americanas” ao desenvolver um instrumento para analisar as razões dos fracassos políticos e econômicos dos países da América Latina⁴⁰. Enquanto objeto de estudo baseado no referencial teórico da história intelectual, cabe ressaltar, a teoria da dependência, assim como seus principais teóricos e as redes e espaços de sociabilidade intelectual que permitiram o desenvolvimento e circulação de suas ideias, ainda é um tema pouco estudado.

Claudia Gilman analisa como os anos 60 foram um período de grande adesão aos projetos de esquerda por parte de intelectuais latino-americanos, que compartilhavam a convicção da necessidade de se tornarem agentes de transformação radical da sociedade, sobretudo, no terceiro mundo. Nesse contexto, a autora indica como eram influentes as elaborações do sociólogo norte-americano Wright Mills e de Paul Baran, que afirmavam que as zonas periféricas do mundo proporcionavam condições privilegiadas “à rebelião dos intelectuais” e de que era dever dos intelectuais tomarem parte ativa nos processos de transformação social, concepções que percorrem as trilhas deixadas pelas afirmações de Fidel Castro na *Segunda Declaración de La*

³⁸ MARINI, Ruy Mauro. **Dialéctica de la Dependencia**. Cidade do México: Era, 1973.

³⁹ Para uma análise da contribuição de Ruy Mauro Marini e das diferentes perspectivas sobre a teoria da dependência consultar: HERNÁNDEZ LÓPEZ, Roberto Carlos. La dependencia a debate. **Revista de estudios latinoamericanos**, Cidade do México, n. 40, 2005. Disponível em: http://www.cialc.unam.mx/web_latino_final/archivo_pdf/Lat40-11.pdf Acesso: 12 jun. 2016.

⁴⁰ ALTAMIRANO, Carlos. **La memoria de los intelectuales**. Conversación con Carlos Altamirano. Mejía-Rivera, Orlando. Revista Aleph, Manizales, ano XLVI, n. 163, out. 2012, p. 62-63. Disponível em <http://www.revistaaleph.com.co/> Acesso em: 15 jun. 2016.



Habana (1962), na qual o comandante cubano afirmara que os intelectuais deveriam colocar-se irredutivelmente ao lado dos interesses revolucionários, situando-se na vanguarda da luta contra o imperialismo.⁴¹

No fim dos anos 60, a revista *Monthly Review*, assim como diversos outros periódicos⁴², foi importante veículo para a circulação e debate das ideias da teoria da dependência e dos processos políticos da América Latina. Na Europa, do mesmo modo, a teoria da dependência alcançava repercussão em publicações organizadas por prestigiados intelectuais, como na revista britânica *New Left Review*, editada por Perry Anderson⁴³. Por conseguinte, é possível sugerir que em torno do CESO, da *Monthly Review* e de outras revistas e publicações, constituíram-se espaços de sociabilidade que deram origem a uma rede de intelectuais formada por integrantes de diversos continentes que tinham como uma de suas preocupações pensar as questões relacionadas à América Latina, procurando formular respostas aos principais desafios econômicos e políticos enfrentados pelos povos no continente latino-americano.

***Monthly Review* e o governo da Unidade Popular**

No início dos anos 70, o interesse por Cuba em *Monthly Review* decaiu consideravelmente, como indica Rafael Rojas:

Junto con la soviétización de la isla, el tema cubano perdió centralidad en los debates teóricos e ideológicos de *Monthly Review* y la izquierda newyorkina, en general. En la década de 1970, la revista fundada por Paul M. Sweezy y Leo Huberman discutió más los casos de la Unidad Popular y de Salvador Allende en Chile, las guerrillas urbanas en la Argentina y en el Uruguay y la Revolución Sandinista en Nicaragua, que el del socialismo cubano.⁴⁴

Com efeito, outros processos políticos na América Latina passaram a ganhar destaque na revista, em especial, a conturbada tentativa de construção da “via chilena para o socialismo”. Durante os quase três anos em que Salvador Allende ocupou o Palácio *La Moneda*, *Monthly Review* dedicou dois volumes especiais ao caso chileno, além de vários editoriais, artigos de polémica e a publicação de várias correspondências enviadas por colaboradores que estavam no Chile. A seguir, discutiremos tais publicações buscando perceber como Paul Sweezy e outros integrantes

⁴¹ GILMAN, Claudia. Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario e America Latina. Buenos Aires: **Siglo XXI**, 2003, p. 58-61.

⁴² Como a revista cubana *Tricontinental* e a chilena *Punto Final*.

⁴³ Em 1972, por exemplo, a britânica *New Left Review* publicou o seguinte artigo do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, à época, defensor da teoria da dependência: CARDOSO, Fernando H. Dependent capitalist development in Latin America. **New Left Review**, Londres, n. 74, jul. 1972.

⁴⁴ ROJAS, Rafael. Socialistas en Manhattan. La Revolución Cubana en *Monthly Review*. **Prismas – Revista de Historia Intelectual**, Bernal, Universidad Nacional de Quilmes, vol. 17, n. 1, jun. 2013, p. 133. Disponível em http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-04992013000100006&lng=es&nrm=iso Acesso em 06 jun. 2016.



do grupo da *Monthly Review* trataram aspectos políticos e socioeconômicos do governo da UP, além de apresentarmos a polêmica aberta na revista sobre a função dos intelectuais de esquerda norte-americanos diante de governos socialistas.

O tema chileno, em *Monthly Review*, foi introduzido por um longo artigo editorial de análise teórica sobre a UP, assinado por Paul Sweezy e Harry Magdoff⁴⁵ e publicado na edição de janeiro de 1971 com o sugestivo título *Transição pacífica ao socialismo?*⁴⁶. Sweezy, célebre pelas longas polêmicas sobre a transição do feudalismo ao capitalismo, iniciava outra empreitada, lançar-se-ia, agora, à análise do processo de transição de uma sociedade capitalista ao socialismo que, aparentemente, descortinava-se no horizonte chileno. No editorial, Sweezy e Magdoff apontam como o sistema financeiro entrou em pânico com a vitória de Allende, analisando a drástica queda da bolsa de valores do Chile no mês seguinte ao pleito eleitoral. A chave da questão, segundo eles, seria o fato do programa da UP representar uma ameaça direta ao sistema econômico, situação em que o mercado não conseguiria funcionar de forma satisfatória, ainda mais em uma economia de capitalismo dependente e subdesenvolvido como o chileno. Na previsão feita pelo editorial, o governo da UP se depararia com um dilema: ou tomaria o controle da situação econômica, objetivando a construção do socialismo; ou visaria à manutenção do poder, adaptando-se às pressões dos capitalistas chilenos e estrangeiros.⁴⁷

No prisma da teoria da dependência, os editores consideravam que, na América Latina, o capitalismo sustentava-se por meio de frágeis burguesias nacionais, tanto do ponto de vista econômico quanto ideológico e moral. Por conseguinte, seria pouco provável que a oposição tivesse êxito em construir, no início do governo, um movimento que impedisse o programa de nacionalizações proposto pela UP, tendo assim que apelar mais ao anticomunismo, bastante presente em diversos setores da sociedade, para paulatinamente desenvolver ações contra o governo.

Além disso, Sweezy e Magdoff analisam a relevante questão sobre a natureza e o papel das Forças Armadas chilenas diante do novo governo socialista. Baseando-se nas elaborações do sociólogo francês Alain Joxe⁴⁸, os editores colocam em baila o que seria o “mito” do profissionalismo das Forças Armadas chilenas, sugerindo bases “realísticas” para discutir a questão. Sweezy refere-se à imagem apolítica das Forças Armadas do país, muito recorrente nos discursos de Allende e de setores das esquerdas chilenas. Um posicionamento que, para Joxe e

⁴⁵ Em 1968, com a morte de Leo Huberman, o economista marxista Harry Magdoff, formado na New York University, tornou-se editor da revista ao lado de Paul Sweezy.

⁴⁶ SWEEZY, Paul. MAGDOFF, Harry. *Peaceful Transition to Socialism?* **Monthly Review**, Nova York, vol. 22, n. 8, jan. 1971, tradução nossa.

⁴⁷ SWEEZY, Paul. MAGDOFF, Harry. *Peaceful Transition to Socialism?*, p. 4-5.

⁴⁸ JOXE, Alain. *Las fuerzas armadas en el sistema político de Chile*. Santiago: Editorial Universitaria, 1970.



Sweezy, teria um caráter ideológico, uma vez que a própria ideia de apoliticismo refletiria aspectos da “ideologia das classes dominantes”, bem como a não intervenção dos militares na política ocultaria a latente e permanente possibilidade de os militares chilenos interferirem no jogo político.⁴⁹

Essa tese, expressando um modelo teórico generalizante e totalizante, que vê nas Forças Armadas uma instituição com um destino aprioristicamente definido de defesa da ordem social capitalista foi um tema que polarizou as esquerdas chilenas e que tem sido objeto de acalorados debates por parte da historiografia. Sobre isso, a historiadora chilena Verónica Valdivia Ortiz de Zárate, procurando dar maior complexidade à questão, analisa que os argumentos que enfatizam a “ingenuidade” de se confiar no constitucionalismo das Forças Armadas chilenas deixam de ter em conta a existência, naquela época, de tendências nacionalistas de natureza “terceiro-mundista” com traços antiimperialistas entre os militares. Tendência que, segundo Ortiz de Zárate, não tornava ilusória a expectativa da UP de somar as Forças Armadas ao processo de mudanças revolucionárias, uma vez que a questão militar deveria ser pensada na perspectiva de transformação do Estado a médio prazo, não de forma imediata.

Nesse sentido, Ortiz de Zárate conclui que a UP tentou efetivamente desenvolver, embora acabasse por fracassar no seu intento, uma política para os setores militares baseada em dois eixos principais: primeiro, a reafirmação da manutenção da subordinação militar ao mando civil, reiterando seu caráter constitucionalista e, segundo, a incorporação dos militares nas tarefas de desenvolvimento nacional e de transformações socioeconômicas. A interpretação do anticomunismo como aspecto determinante para analisar as Forças Armadas, segundo a historiadora, não leva em conta o desenvolvimento do pensamento militar chileno durante o século XX. Dessa forma, diferentemente de todos os governos desde 1932, que alijaram os militares da vida nacional, despreocupando-se em lhes oferecer um lugar e uma missão social e abandonando seu aperfeiçoamento técnico-profissional, a UP procurou articular uma nova função para as Forças Armadas, buscando integrá-la ao papel desenvolvimentista do Estado, como tentou fazer, por exemplo, ao integrar altos oficiais militares na direção de órgãos estatais de fomento ao desenvolvimento social.⁵⁰

Embora no primeiro editorial sejam apresentados dúvidas e questionamentos sobre a possibilidade de êxito do projeto da via pacífica da UP, os editores de *Monthly Review* adotavam, no início do governo de Allende, uma atitude mais de expectativa e espera do que propriamente

⁴⁹ SWEEZY, Paul; MAGDOFF, Harry. **Peaceful Transition to Socialism?**

⁵⁰ ORTIZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. Todos juntos seremos la historia: venceremos. Unidad Popular y Fuerzas Armadas. In: PINTO VALLEJOS, Julio (Org.). **Cuando hicimos historia. La Experiencia de la Unidad Popular.** Santiago: LOM Ediciones, 2005



de proximidade com as críticas das esquerdas que propunham teses de ruptura revolucionária com a institucionalidade. O tom simpático a Allende, como veremos, sofrerá significativa mudança nos editoriais da revista.

Um colaborador assíduo da revista foi o sociólogo norte-americano James Petras⁵¹, à época, professor da Universidade de Berkeley. No início dos anos 70, Petras esteve em vários países da América Latina atuando como professor visitante em universidades locais inclusive no Chile durante o governo da UP. Entre 1970 e 1973, Petras publicou vários artigos em *Monthly Review* analisando o processo chileno. Em livro de memórias sobre suas viagens à América Latina, publicado no ano 2000, narra seus encontros com dirigentes políticos, intelectuais da esquerda, grupos de direitos humanos, movimentos sindicais, populares e camponeses. Entre as experiências relatadas, encontra-se o longo período em que esteve no Chile de Allende, apontando aspectos de suas experiências com setores das esquerdas chilenas e suas impressões sobre os últimos meses de governo da UP.⁵² Nos artigos da revista, em geral, suas contribuições tinham um caráter mais jornalístico, com longos e detalhados informes sobre a situação política chilena, do que propriamente um viés analítico.

A partir de janeiro de 1972 e nos meses posteriores ao golpe de Pinochet, Paul Sweezy e o economista Andrew Zimbalist protagonizaram, nas páginas da revista, acirrada polêmica sobre as estratégias da UP e, nos meses posteriores ao golpe, sobre as causas que levaram a ruptura do regime democrático. Nesse debate, foi central o questionamento sobre o caráter e a natureza – se reformista ou revolucionária – do programa e da condução política da UP. Outro aspecto relevante na discussão foi acerca da legitimidade que críticas provenientes de intelectuais de esquerda poderiam ter ao questionarem um governo socialista que estava em plena luta para implementação de seu projeto.

No artigo: *Chile: avanço ou retrocesso?* Sweezy analisa o primeiro ano de governo da UP. Para o autor, “o processo chileno movera-se muito rapidamente para agradar aos reformistas, e bastante devagar para satisfazer os revolucionários”, apontando que surgia na UP a teoria da “consolidação”, implicando em congelar o avanço das medidas socialistas, o que colocaria, assim, o processo no ritmo das tradicionais reformas que caracterizavam o Chile das décadas anteriores. No ponto em que chegou, de acordo com Sweezy, o processo não poderia ser paralisado ou estabilizado, ou avançaria ou retrocederia – disjuntiva clássica nas análises marxistas que têm, no

⁵¹ James Petras (1930), doutor em sociologia pela Universidade da Califórnia. Esteve no Chile até o golpe de Pinochet. Foi membro do Tribunal Russell que denunciou a repressão política e a violação aos direitos humanos na ditadura chilena. Escreveu mais de 50 livros sobre política e também literatura.

⁵² PETRAS, James. **Escribiendo historias**. Tafalla: Txalaparta, 2000.



chamado método materialista dialético, seu instrumental teórico.⁵³ Segundo Sweezy, as transformações até então “seriam insuficientes para garantir o sucesso da marcha ao socialismo, mas profundas o bastante para bloquear uma solução estável no meio do caminho”⁵⁴.

Essas polêmicas remetem à historiografia recente que analisa o processo da UP para além de uma mera disputa entre setores reformistas e revolucionários. Como aponta o historiador chileno Julio Pinto Vallejos, a revolução era um objetivo partilhado pelas diferentes organizações das esquerdas chilenas, existindo amplo acordo em torno dos fins a serem perseguidos e do tipo de sociedade a ser construída, marcadamente socialista, anti-imperialista, igualitária. Essa unidade de fins, contudo, acabou por ter menos prevalência do que os desacordos de ordem tática e estratégica, resultando em uma fragmentação de visões, muitas vezes antagônicas, sobre vias, ritmos e atores que deveriam orientar a dinâmica da construção socialista. Para o estudo dessas divergências, Pinto Vallejos propõe agrupar as esquerdas em torno de duas posturas paradigmáticas pelas quais se polarizou o pensamento revolucionário a partir dos anos 60: a *gradualista*, baseada na defesa de transformações socioeconômicas pela via pacífica institucional, e a *rupturista*, que expressava um viés do marxismo-leninismo clássico, baseado na perspectiva de quebra da institucionalidade vigente para dar lugar a uma ditadura do proletariado. O pensamento *gradualista* era hegemonizado pelo Partido Comunista (PC), tomando parte, também, um setor do Partido Socialista (PS), inclusive o próprio Allende, além do Partido Radical e setores do Movimento de Ação Popular Unitária (MAPU). Entre os grupos identificados com o pensamento *rupturista* incluíam-se: a maioria do PS; a Esquerda Cristã (IC); o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) e um setor do MAPU liderado por Óscar Guillermo Garretón.⁵⁵

Em réplica, Andrew Zimbalist⁵⁶ afirmou que Sweezy distorcia determinados aspectos do debate para qualificar Allende como reformista, com a intenção de deslegitimar o governo da UP. Zimbalist procurou reafirmar o caráter revolucionário da UP e questionou o tipo e a legitimidade das críticas que os intelectuais que estavam nos EUA, longe das lutas políticas no Chile, poderiam fazer a um governo que estava em plena luta para construir um projeto socialista, dando origem a um interessante debate sobre a função do intelectual de esquerda nos EUA.⁵⁷ Sweezy, em

⁵³ SWEEZY, Paul. **Chile: Advance or Retreat?** *Monthly Review*, Nova York, vol. 23, n. 8, janeiro de 1972, tradução nossa.

⁵⁴ _____, **Chile: Advance or Retreat?** p.12, tradução nossa.

⁵⁵ PINTO VALLEJOS, Julio. Hacer la revolución en Chile. In: PINTO VALLEJOS, Julio (Org.). **Cuando hicimos historia. La Experiencia de la Unidad Popular**. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

⁵⁶ Andrew Zimbalist (1947), economista com doutorado em Harvard, foi professor do Smith College. Esteve no Chile durante o governo da UP. Publicou diversos estudos sobre economia chilena, nos anos 70. Nos anos 90, tornar-se-ia prestigiado autor nos EUA, com relevante produção acadêmica sobre teoria dos jogos e economia aplicada aos esportes.

⁵⁷ ZIMBALIST, Andrew. Sweezy on Chile. **Monthly Review**, Nova York, vol. 23, n. 10, mar. 1972.



resposta, afirmou que os intelectuais de esquerda nos EUA deveriam exercer um papel de ir muito além da evidente necessidade de lutar contra as políticas imperialistas e intervencionistas norte-americanas. Para ele, o fato de “enxergar o mundo das entranhas do monstro”⁵⁸ permitiriam singulares e frutíferos pontos de vista. A relativa fragilidade da esquerda norte-americana seria compensada, segundo Sweezy, pela ampla liberdade de atuação acadêmica e política, ressaltando que o compromisso com o movimento internacional revolucionário exigiria uma postura crítica, reflexiva e não só limitada a apoiar aspectos positivos da condução política dos governos de esquerda. Para Sweezy, o intelectual deveria divulgar suas críticas e análises independentemente dos resultados e dos possíveis conflitos com os poderes instituídos.⁵⁹

Em 4 setembro de 1973, Zimbalist retornou aos EUA após passar um ano no Chile. No período em que esteve nesse país, recolheu documentação e entrevistou dezenas de trabalhadores para um aprofundado estudo de economia, *Economic Democracy: Worker's Participation in Chilean Industry 1970-1973*⁶⁰, publicado anos mais tarde, nos EUA, e que se constituiu como uma das primeiras análises de fôlego da experiência de participação popular nos processos políticos durante o governo da UP. Na edição de *Monthly Review* de outubro de 1973, Zimbalist, em coautoria com a cientista política Barbara Stallings⁶¹, publicou longa análise da dramática situação chilena, artigo escrito no Chile uma semana antes do golpe. Nesse texto, apresentou um tom bastante crítico à direção política da UP, dessa forma, sendo perceptível a mudança de foco em relação aos artigos anteriores de Zimbalist. A questão da ampliação horizontalizada da participação popular ganhava destaque em sua reflexão. Para ele, a UP falhou em criar espaços para uma participação efetiva dos trabalhadores no controle das empresas, restringindo-se, em grande medida, à participação de membros de sindicatos ou de militantes indicados pelo governo nos conselhos administrativos das indústrias nacionalizadas, política essa defendida pelo PC.

Anos mais tarde, o sociólogo chileno Tomás Moulian indicou como essa questão era de vital importância para a UP. Moulian aponta como era imprescindível, naquele momento, a esquerda ter proposto um modelo de sociedade distinto da mera repetição do socialismo burocrático da URSS. Por conseguinte, seria necessário ter impulsionado, desde o início, a gestão das empresas que estavam sob controle estatal por parte de seus trabalhadores, permitindo, assim, que no próprio processo de implementação da “via chilena para o socialismo” surgisse

⁵⁸ “view the world from the entrails of the monster”. SWEEZY, Paul. Sweezy on Chile. **Monthly Review**, Nova York, v. 23, n. 10, mar. 1972. p. 54, tradução nossa.

⁵⁹ SWEEZY, Paul. Sweezy on Chile. **Monthly Review**, Nova York, vol. 23, n. 10, mar. 1972.

⁶⁰ ZIMBALIST, Andrew; ESPINOSA, Juan. **Economic Democracy: Worker's Participation in Chilean Industry, 1970-1973**. New York, Academic Press, 1978.

⁶¹ Barbara Stallings, doutora em Ciência Política pela Stanford University (1975) e em economia pela University of Cambridge (1985), em ambas defendeu teses que versavam sobre a América Latina. Professora da University of Wisconsin-Madison.



uma “experiência subjetiva de um novo socialismo”⁶². De acordo com Moulian, os setores da esquerda *rupturista* captaram a importância da democracia nas empresas, embora se equivocassem por esperar que o poder popular desarmado pudesse resolver, por si só, todos os problemas. Essas esquerdas perceberam, assim, o valor para os trabalhadores de vivenciar uma experiência de direção “daquilo que sentiam como algo seu”, completando: “Nos últimos meses em que funcionaram os comitês de fábrica, os cordões industriais, os comandos comunais, foi vivida a grande festa da democracia”⁶³.

Os dois últimos artigos sobre a UP foram publicados na *Monthly Review* em dezembro de 1973. Se, em 1970, Sweezy lançava dúvidas sobre a possibilidade de uma via pacífica ao socialismo, agora, afirmava categoricamente, em artigo intitulado *Chile: a questão do poder*⁶⁴, a inviabilidade do caminho escolhido por Allende. Sweezy, com o trágico golpe de Pinochet, procurava buscar elementos para reforçar as questões que já havia levantando em seus textos ao longo dos mil dias de governo da UP. Dentre eles, destaca o fato de que, ao chegar ao governo, a UP não resolveu o problema fundamental colocado por qualquer revolução: o controle das instituições estatais por parte dos revolucionários.

Com diferentes matizes, a perspectiva desenvolvida por Sweezy, principalmente a partir de 1972, era compartilhada por grande parcela da intelectualidade de esquerda da época, “que não via com muito otimismo o caminho escolhido por Allende”⁶⁵. É o caso, por exemplo, de Ruy Mauro Marini e Theotonio dos Santos que, ao lado de intelectuais chilenos, como Marta Harnecker e Pío Garcia, fundaram a revista semanal *Chile Hoy*, em março de 1972, com uma linha editorial, em geral, crítica à linha adotada por Allende.

Como discutimos, havia um recorrente intercâmbio entre o grupo de *Monthly Review* e setores da intelectualidade de esquerda chilena, com viagens recíprocas para participação de seminários no Chile e nos EUA, publicações de artigos na edição norte-americana e na *Monthly Review*, *Selecciones em castellano*, publicações em revistas locais, correspondências. Além disso – com outros intelectuais como Louis Althusser, Lelio Basso, Fernando Henrique Cardoso, Alan Touraine, Ernest Mandel –, Paul Sweezy fazia parte da Comissão Consultiva da revista *Sociedad y Desarrollo*, editada pelo CESO. Foram constituídas, assim, relações entre intelectuais de esquerda

⁶² MOULIAN, Tomás. La vía chilena ao socialismo: Itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. In: PINTO VALLEJOS, Julio (Org.). **Cuando hicimos historia. La Experiencia de la Unidad Popular**. Santiago. LOM. 2005, p. 55, tradução nossa.

⁶³ MOULIAN, Tomás. La vía chilena ao socialismo: Itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. p. 55, tradução nossa.

⁶⁴ SWEEZY, Paul. Chile: The Question of Power. **Monthly Review**, Nova York, vol. 25, n. 7, dez. 1973.

⁶⁵ AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo: a experiência chilena**, p. 51.



em várias partes do mundo que tinham nos processos políticos do Chile do início dos anos 70 uma constante preocupação de suas reflexões políticas.

O estudo dos debates estratégicos durante o governo da UP permite ver um dinâmico processo criativo e atrativo para uma série de atores políticos. A ruptura institucional e o golpe de Pinochet não eram inevitáveis. A complexa tentativa de construção do projeto da UP contou com a poderosa combinação de contingências e ações políticas. A intensidade dos acontecimentos, a originalidade dos vários espaços políticos surgidos no processo e as expectativas despertadas durante os três anos do governo de Allende não permitem falar de resultados fixados de antemão. Como sugere o historiador chileno Marcelo Casals Araya, a UP foi derrotada em duas dimensões. Por um lado, pela oposição, nacional e internacional, que, à medida que a UP implementava as políticas de transformações sociais, passou das ações dentro dos limites da institucionalidade vigente para abertas práticas golpistas. Por outro lado, pelas ambiguidades e contradições entre as esquerdas, geradas no próprio processo de implementação do projeto da UP, resultando em divergentes atitudes diante da oportunidade singular de levar a cabo o inédito programa revolucionário. Apesar da figura aglutinadora de Allende e da carga teórica original de suas posições, e apesar da profunda inserção das esquerdas entre trabalhadores e movimentos sociais, o esforço transformador dissipou-se em distintas direções, reduzindo, desse modo, em importante medida, as possibilidades de sucesso.⁶⁶

Portanto, mais do que pensar as diferenças das esquerdas como uma batalha entre campos antagônicos essa abordagem sugere que o governo da UP, a partir de sua política de transformações revolucionárias, deu origem – de forma contraditória e ambígua – a um amplo espaço de criação e originalidade política que, em muitos sentidos, transcendia a legalidade vigente. A partir da síntese dos debates táticos e estratégicos das esquerdas, novos caminhos e possibilidades originais, não previstos no programa inicial da UP, surgiram como alternativas possíveis para instrumentalizar a construção da “via chilena para o socialismo”, o que torna o processo chileno um importante objeto de análise histórica, além de uma rica fonte de ideias originais para o pensamento político.

O grupo de *Monthly Review*, no início da década de 1970, voltou seus olhos para o que se sucedia no Chile. Paul Sweezy, James Petras, Andrew Zimbalist, Barbara Stallings, não só eram lidos por parte das esquerdas chilenas, principalmente a partir da versão em espanhol da revista, como também participaram *in loco*, de diferentes maneiras, dos processos políticos no país andino.

⁶⁶ CASALS ARAYA, Marcelo. **El alba de una revolución: la izquierda y la experiencia de construcción estratégica de la “via chilena al socialismo” 1956-1970.** Santiago: LOM Ediciones, 2010.



O intercâmbio intelectual promovido pelo grupo de *Monthly Review* com os exilados brasileiros do CESO e com outros setores das esquerdas chilenas inserem-se na perspectiva criadora do processo de tentativa de implementação do projeto político da UP. Muito além da realidade nacional, esses debates envolveram intelectuais de várias partes do mundo, com acirradas polêmicas em revistas, participação em seminários, diálogos com organizações políticas, estabelecendo um movimento de circulação de ideias e uma rede comunicante com interligações em diversos continentes.